



*A meus avós, meus pais,  
minha irmã e meus filhos,  
personagens desta e de uma  
outra história...*

Angela Leite de Souza

# O guarda-tempo



Ilustração

Marlette Menezes

1ª edição

**Formato**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Angela Leite de  
O guarda-tempo / Angela Leite de Souza; ilustração Marlette  
Menezes. – São Paulo: Formato Editorial, 2008.  
ISBN 978-85-7208-539-7

I. Literatura infantojuvenil I. Menezes, Marlette. II. Título.

08-02960

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

7ª tiragem  
2019

## O guarda-tempo

Copyright © Angela Leite de Souza

Ilustração © Marlette Menezes

Gerente editorial Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora-assistente Andreia Pereira

Auxiliar de serviços editoriais Rute de Brito

Estagiária Camila Amaral Souza

Supervisão editorial e edição de texto Sonia Junqueira – T&S Texto e Sistema

Edição de arte Norma Sofia – NS Produção Editorial

Suplemento de trabalho Maria Regina Bellucci

Coordenação de revisão Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)

Produtor gráfico Rogério Strelciuc

Direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0XX11) 4003-3061

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem o consentimento por escrito da editora.

CL: 811105

CAE: 602108

# SUMÁRIO

## **O GUARDA-LOUÇA 7**

O esconderijo 8

Pampa 11

Iscatíof! 14

Por causa de um falso pum 18

Em um carro de boi 20

## **O GUARDA-ROUPA 23**

A bola mágica 24

Lança-perfume 26

A bailarina 29

Boas-vindas ou adeus? 32

## **O GUARDA-LIVRO 35**

Pacáio 36

O sumiço 39

O terrível segredo 42

Quem vai saber? 45

## **O GUARDA-TUDO 47**

Tim 48

Uma notícia emocionante 52

A sortuda 54

O fim do mundo 56

O guarda-tempo 61





O guarda-louça



# O esconderijo

– Desce já daí, menino! É de crer uma coisa dessas? Ah, mas quando eu pilhar esse biltre cá embaixo, ele vai ver só com quantos paus se faz uma canoa! Ah, vai!

Encarapitado lá em cima do imenso armário de jacarandá, Nelson até podia imaginar a mãe, do alto de seu um metro e cinquenta, chinelo na mão, olhando furiosa para o topo do móvel, para onde, com certeza, o filho endiabrado tinha mais uma vez escapulado. Ele mal se atrevia a respirar. Sabe-se lá se ela resolve subir até ali?

“Também”, pensava Nelson, “roubar manga do vizinho não é caso para tanto escarcéu! E elas são tão mais gostosas que as daqui de casa!...”

Dona Amélia é que não queria saber, pois seu Francisco, que morava na esquina, já tinha ido várias vezes reclamar:

– Dê um jeito nesse capetinha, comadre, não há quem aguento! Assim, ele acaba desvalorizando o quarteirão!

– Eu bem que tenho pejejado para pôr o danadinho nos trilhos, mas ele é buliçoso demais! – retrucava dona Amélia, suspirando.

A ideia de se refugiar no armário tinha surgido, sem querer, num dia em que a mãe conseguira correr mais depressa, chegando a agarrá-lo pelo braço. Mas o menino desvencilhou-se: apenas ficaram na pele quatro doloridas marcas de unhas. Rápido como um corisco, ele correu para a sala e, não encontrando saída, escalou o grande guarda-louça com a destreza de um gato. Uma vez lá em cima, descobriu que estava no mais perfeito dos esconderijos: o teto do armário era mais fundo que suas portas e laterais. Assim, bastava deitar-se para ficar completamente oculto pela borda, que formava uma “paredinha” com mais ou menos um palmo de altura.

Naquele primeiro dia, Nelson chegara a dormir ali. Mas tinha sofrido com o desconforto, a fome e a vontade cada vez mais urgente de fazer xixi. Então, já que não era mesmo possível abrir mão das travessuras, tratou de fazer algumas melhorias: equipou o local com uma almofada, um cobertor, alguns alimentos menos perecíveis, como biscoitos e pedaços de rapadura, e um peniquinho, para as emergências.

Seu sistema funcionava às mil maravilhas: quando descia, horas depois, a raiva da mãe já tinha passado há muito tempo. O menino levava no máximo um bom pito e ia dormir sossegado em cama de verdade, com uma surra de menos na coleção.

Agora, deitado ali mais uma vez, ele aguardava que dona Amélia desistisse e fosse cuidar dos muitos afazeres domésticos. Fechou os olhos, suspirou bem de levinho, para a mãe não escutar, apurou os ouvidos. Aos poucos, foi sentindo que aquela cama improvisada começava a descer, muito lentamente, leeeennntaaaammmeennntee... Até que ouviu um rangido e uma inesperada claridade entrou pelas frestas de suas pálpebras, abrindo-as. Foi aí que ele viu: uma menina com um rosto muito familiar, olhando-o por entre pilhas cheirosas de lençóis e toalhas.



